

Escravidão, economia e sociedade no Oeste da Bahia, século XIX

Gesilda P. Santos (IC)¹, Alex A. Costa (PQ)^{1*}

Universidade Federal do Oeste da Bahia, ¹Centro das Humanidades, CEP 47810-059, Barreiras, Bahia, Brasil.

*E-mail: alex.costa@ufob.edu.br

Palavras chave: Freguesia de Santa Ana do Campo Largo, registros de batismo, escravidão.

Abstract

This study aims to analyze the baptism of seats of Santa Ana do Campo Largo parish, made in the period 1800-1839 in order to identify the participation of slaves in the social composition of the parish, as well as understand how slavery and the economy related in the nineteenth century.

Introdução

A freguesia de Santa Ana do Campo Largo, instituída no início do século XIX, fazia parte da região denominada sertão do rio São Francisco, atual Oeste da Bahia. Possui documentação eclesiástica ainda não explorada pela historiografia, permitindo conhecer a composição social e a dimensão da população escrava na região, nas primeiras décadas do século XIX.

Material e Métodos

As fontes eclesiásticas selecionadas para análise foram os Livros de Batismo de números 5, 6 e 7, datados respectivamente em 1807-1819; 1819-1852 e 1825-1845. Entre o período de 1800 a 1839 foram analisados 377 registros de batismo de pessoas identificadas como escravas e 2.443 assentos para pessoas livres. Foram organizadas em fichas as seguintes informações: data do batismo, nome do escravo, idade, cor/etnia e condição do batizando, dos pais e padrinhos. A partir desses elementos, elaborou-se tabelas que permitiram obter dados estatísticos para reconstruir o perfil social e demográfico da região.

Resultados e Discussão

O total de registros de batismo levantados para a freguesia de Santa Ana do Campo Largo é de 2.820, entre escravos e livres. Este último grupo constituído por índios, brancos, mestiços, alforriados e negros livres.

Tabela 1. Livres e escravos batizados na freguesia de Santa Ana do Campo Largo, 1800-1839.

Década	Nº Registros		Total	%	
	Livre	Escravo		Livre	Escravo
1800-1809	193	39	232	83,2	16,8
1810-1819	776	148	924	84,0	16,0
1820-1829	733	102	835	87,8	12,2
1830-1839	741	88	829	89,4	10,6
Total	2.443	377	2.820	86,63	13,37

Dentre os 377 batizados de escravos, 23 deles foram de cativos adultos de origem africana, sugerindo uma participação dos proprietários locais junto ao tráfico transatlântico entre os anos de 1808 a 1827. Período em que “mais de 42% das importações de

africanos para o Brasil em três séculos de tráfico aconteceram apenas na primeira metade do século XIX [1].” O aumento nos batizados na década de 1810 a 1819 sugere, ainda, um aumento populacional. Posteriormente, os dados indicam uma estabilidade no crescimento populacional até 1839. O número de escravos revelados nas fontes demonstra que a freguesia não demandou de grande quantidade de cativos para as atividades agropastoris, como nas demais “regiões pastoris do interior do Brasil em que havia um reduzido número de escravos empregados no pastoreio [2].” Mas o quantitativo é revelador da posse de mão de obra escrava, bem como dos “aspectos da vida em família entre os escravos brasileiros [3].”

Conclusões

A documentação eclesiástica, nas suas particularidades, ofereceu importantes informações para entender a dinâmica populacional do período. Tendo em vista que “as fontes para a história demográfica dão resultados que variam bastante de caso em caso [4],” os registros analisados mostraram-se relevantes para conhecer especificidades da organização social do lugar, principalmente a colaboração dos cativos inseridos no cotidiano da freguesia de Santa Ana do Campo Largo e região.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro do CNPq e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI. Agradeço também ao professor Alex Andrade Costa pela oportunidade e por suas orientações no desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- [1] S. Chalhoub, A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo, Companhia das Letras, (2012).
- [2] K. Mattoso, Ser escravo no Brasil. São Paulo, Brasiliense, (2003).
- [3] S. Schawartz, Escravos, roceiros e rebeldes. Bauru, São Paulo, EDUSC, (2001).
- [4] R. Slenes, Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, (2011).